

---

---

# REVISTA TAKA'Á

---

---

## O REMO APIAKÁ NA ESCOLA LEONARDO KRIXI APIAKÁ

## THE APIAKÁ ROWING AT LEONARDO KRIXI APIAKÁ SCHOOL

Edilson Crixí Morimã  
Escola Estadual Indígena Leonardo Crixí Apiaká  
<https://orcid.org/0009-0005-5763-1051>  
[edilso.krixí@unemat.br](mailto:edilso.krixí@unemat.br)

Maria Helena Rodrigues Paes  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
<https://orcid.org/0000-0002-1470-9366>  
[ninhapaes@unemat.br](mailto:ninhapaes@unemat.br)

Neodir Paulo Travessini  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
<https://orcid.org/0009-0099-7227-7205>  
[neodir@unemat.br](mailto:neodir@unemat.br)

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
<https://orcid.org/0000-0001-8733-8255>  
[lisanilpereira@hotmail.com](mailto:lisanilpereira@hotmail.com)

### RESUMO

Este artigo apresenta uma atividade educacional culturalmente enriquecedora realizada com alunos da Escola Estadual Leonardo Crixí Apiaká, da Terra Indígena Apiaká Kayabi, no município de Juara-MT, destacando atuação de alunos do Ensino Médio que realizaram a prática tradicional de confecção de remos. A iniciativa proporcionou o diálogo entre o conhecimento cultural local e o currículo escolar, promovendo uma abordagem inclusiva e decolonial na rotina escolar. Ao envolver anciãos e líderes comunitários, a atividade proporcionou uma plataforma para a troca de conhecimentos intergeracionais e a preservação cultural. Os alunos não apenas aprenderam habilidades práticas de artesanato, como também adquiriram uma compreensão mais profunda de seu patrimônio cultural e da importância das práticas tradicionais.

**Palavras-chave:** Educação Cultural. Abordagem Decolonial. Conhecimento Intergeracional, Artefato Cultural. Engajamento Comunitário.

### **ABSTRACT**

This article presents a culturally enriching educational activity carried out with students from the Leonardo Crixí Apiaká State School, in the Apiaká Kayabi Indigenous Land, in the municipality of Juara-MT, highlighting the work of high school students who carried out the traditional practice of making oars. The initiative provided a dialog between local cultural knowledge and the school curriculum, promoting an inclusive and decolonial approach in the school routine. By involving elders and community leaders, the activity provided a platform for intergenerational knowledge exchange and cultural preservation. The students not only learned practical handicraft skills, but also gained a deeper understanding of their cultural heritage and the importance of traditional practices.

**Keywords:** Cultural Education. Decolonial Approach. Intergenerational Knowledge, Cultural Artifact. Community Engagement.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A educação, em sua essência, deve ser um processo inclusivo e representativo que valorize e incorpore os saberes e culturas locais. No entanto, muitas vezes, as escolas operam sob modelos educacionais colonizadores que desvalorizam as tradições, tal como conhecimentos indígenas e locais, impondo uma visão eurocêntrica e uniformizadora. Nesse contexto, a adoção de uma postura decolonial na educação torna-se essencial para a construção de um currículo mais justo e democrático que respeite e valorize as questões da comunidade e da cultura local, no caso deste artigo, do povo Apiaká.

A Escola Estadual Leonardo Crixí Apiaká, ao implementar a atividade de confecção de remos, envolvendo alunos do Ensino Médio, acabou por exemplificar uma abordagem decolonial que integra profundamente as práticas culturais da comunidade ao processo educativo formal. Esta atividade foi concebida, a partir de observações e entrevistas com as famílias e alunos, revelando a importância cultural da confecção de remos para a comunidade. Com isso, buscou-se, não apenas ensinar uma técnica artesanal, mas também, proporcionar uma

experiência rica em significados e promover o reconhecimento e a valorização da cultura Apiaká.

A participação ativa de anciãos e líderes comunitários foi crucial para o sucesso da atividade, proporcionando aos alunos uma oportunidade única de aprendizado intergeracional. Através dessa interação, os estudantes puderam apreciar a importância dos remos na sua cultura, desenvolvendo um senso de identidade e pertencimento. Esta experiência reforça a necessidade de práticas educativas que respeitem e integrem os saberes locais, promovendo uma educação que não apenas informe, mas que também transforme e empodere.

### **Primeiramente, uma apresentação do professor Edilson Krixí Morimã**

Sou Edilson Krixí Morimã, um dos autores dessa artigo, tenho 40 anos de idade, sou residente na aldeia Mayrob da etnia Apiaká, na Terra Indígena Apiaká Kaiabi, no município de Juara, no Estado de Mato Grosso. Atualmente estou atuando como diretor da Escola Estadual Leonardo Crixí, e, além de profissional da escola, sou também liderança e procuro sempre estar a par de tudo dentro da comunidade.

Ingressei na Escola com 6 anos de idade, em uma escola indígena que era sala anexa de outra escola em Diamantino (Escola Municipal Indígena Apiaká), a qual era localizada à margem esquerda do Rio dos Peixes, no município de Juara. Nessa escola, estudei da 1ª até 4ª série do Ensino Fundamental e sempre fui um aluno muito dedicado, gostando muito de brincar com outros alunos da sala. Na turma que eu estudava, tinham matriculados alunos de várias séries, o chamado multisseriado, que era um pouco difícil de acompanhar as aulas, devido as séries de alguns alunos já serem mais avançadas do que a série que eu estava cursando.

Naquela época, não tinha dificuldade para fazer amizades, sempre estava junto com os demais alunos, seja brincando ou estudando; quanto aos professores, me lembro que eles eram bastante atenciosos e tratavam os alunos com muito respeito e dedicação, buscavam sempre inovar no seu jeito de ensinar. Aquele período foi muito bom, sendo que a maioria dos alunos eram parentes próximos, além que alguns dos professores eram também meus tios.

Continuei a estudar na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká (doravante denominada somente como EEIEB Leonardo Crixí Apiaká), na Aldeia Mayrob, no ano de 2009 e, depois de um tempo, me casei e construí uma família, mas, continuei estudando na mesma escola. Nesse período, já tive um pouco mais de dificuldade para continuar

os estudos, pois tinha que cuidar da família, além de que eu passei a morar mais longe da escola. Eu sempre tive uma grande admiração pelos professores: a maneira como ensinavam, aquilo me fascinava!

Na EEIEB Leonardo Crixí Apiaká, terminei o Ensino Fundamental e cursei todo o Ensino Médio, com muito esforço. Ao concluir o Ensino Médio, refletindo sobre o tanto que percorri, sobre as dificuldades enfrentadas no acesso à escola, pude ver que tais circunstâncias apenas me incentivaram e mostraram que minha vida poderia mudar, de forma positiva, investindo na educação escolar.

Portanto, foi muito importante quando fui convidado a participar de cursos, voltados à comunidade e também participar de formações de profissionais da educação, já que eu pretendia atuar na educação como professor na escola da minha comunidade. Eram encontros onde as pessoas aprendiam e dividiam seus conhecimentos culturais e costumes tradicionais, assim, através destas oportunidades eu percebi o quanto estudar era importante para ser um profissional de educação na comunidade.

Então, continuei com objetivo de me formar e melhorar na profissão em educação. Assim, me preparei e ingressei na Faculdade, no ano de 2018, quando fui aprovado no vestibular e alcancei uma vaga para cursar a graduação em Pedagogia, na modalidade EAD do IFMT-Instituto Federal de Mato Grosso. Foram muitos aprendizados ao longo do curso e esses trago comigo, sempre.

Cursar uma graduação na área da educação me dá a sensação de que, quando estou em sala de aula, é uma ação que estou ensinando outros indivíduos e, ao mesmo tempo, estou aprendendo com eles: é uma sensação incrível! Neste aspecto, não posso deixar de mencionar o grande Paulo Freire, cujo pensador da educação faz questão de enfatizar: “(...) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996 p. 25).

Com muito esforço, dedicação e apoio concluí o Ensino Superior. Com minha formação em Pedagogia, compreendo a sensação de poder ensinar e aprender com cada um dos alunos, pois cada dia é um aprendizado novo.

## **O povo Apiaká**

Está registrado no Projeto Político Pedagógico-PPP da E.E.I.E Básica Leonardo Crixí Apiaká (2023), conforme narram os antepassados, em uma produção coletiva de autoria do

próprio povo Apiaká (2009), que nosso povo surgiu de um peixe chamado Jacundá. No princípio, Jesus criou o homem e também criou o peixe Jacundá, num tempo que a terra ainda não existia e nem o povo Apiaká. A partir desse peixe, é que foram surgindo outros indivíduos de outras espécies, as pessoas denominadas como Apiaká, que significa “marimbondo”.

Em termos de linguística, o povo Apiaká é falante de língua materna que pertence à família linguística Tupi-Gurani, do tronco Tupi. Nossa autonominação, a mesma que era chamada pelo povo Kayabi, era *Tpy'yísing*, que quer dizer “cor clara”, termo que se refere tanto a cor da pele como evento mítico de separação dos povos. Os Kayabi do Rio dos Peixes contam que, no passado, Apiaká e Kayabi formavam um só povo, até que os primeiros deixaram de se pintar com urucum e constituíram um grupo diferenciado; da nossa parte, entretanto, os Apiaká rejeitam fortemente qualquer identificação pretérita com os Kayabi.

Foi no século XIX, que teve o primeiro contato com não indígenas, que chegaram pelo Rio Juruena e, à margem direita, encontraram com pessoas do nosso povo. O povo Apiaká sempre respondia com amizade aos viajantes que passavam pelo rio. Naquela época, a população de Apiaká foi estimada em cerca de 2.500 a 16.000 pessoas distribuídas em diversas aldeias formadas por uma ou mais casas grandes. O povo Apiaká, naquele tempo, vivia de caça e pesca, frutas nativas que colhiam na mata nativa (OPAN/CIMI, 1987).

Crixí (2012), ao descrever a história da Escola Apiaká da aldeia Mayrob de Juara-MT, fez bom registro histórico sobre meu povo. O povo Apiaká, conforme o citado histórico, se caracteriza por sua resistência, já que entre o final do século XIX e o início do século XX, sofreu muita pressão com a chegada de colonizadores. Foram alvo de massacres promovidos por coletores de impostos do norte do Estado de Mato Grosso e também pelos seringueiros.

Crixí (2012) narra que, naquela época, sobreviveram apenas 37 pessoas. Desde então, essas pessoas não puderam mais manter seu modo de vida tradicional. Essa minoria sobrevivente integrou-se à economia nacional como tripulantes de embarcações, caçadores de peles, caucheiros, pescadores e seringueiros. Também miscigenaram com elementos de outras etnias e ficaram espalhados por várias regiões diferentes. Algumas famílias mudaram-se para a Missão Kururu, aldeia do povo Munduruku no Pará. Outros foram vítimas de epidemias de doenças de “branco”, e muitos foram tentar a vida nas cidades de Mato Grosso, Pará e Amazonas.

Por causa disso, é nesses estados que se encontram famílias do povo Apiaká, especialmente, ao longo das bacias dos rios Arinos e Juruena (em Mato Grosso), com muitos

filhos de casamentos mistos. Essa miscigenação e a integração à economia, provocaram um grande impacto para a perda da língua ancestral e uma boa parte de nossa cultura. Por causa desses impactos, a população diminuiu muito e passou a ser entendida, por algum tempo, como um povo extinto.

Segundo a publicação feita em coletivo pelo povo Apiaká (2009), o povo ficou espalhado no Noroeste de Mato Grosso até os anos de 1960, quando um missionário chamado João Dornstauder convidou algumas famílias para morar na aldeia Tatuí, do Rio dos Peixes, junto ao povo Kayabi. Voltando a viver juntos em situação de aldeia, os Apiaká sentiram necessidade de retomar elementos de sua cultura, em especial, a língua materna que estava sendo esquecida no período em que trabalhavam nos seringais. Essa necessidade surgiu quando o povo não estava mais sendo reconhecido como povo Apiaká. Atualmente, estamos sofrendo, mas lutando para recuperar a língua materna.

Mesmo que vivamos muito próximos e em mesmo território, o meu povo Apiaká, é diferente dos Kayabi, pois cada etnia é bem diferente uma da outra, cada uma tem sua cultura. Hoje nosso povo Apiaká vive em várias aldeias, que estão dentro das Terras Indígenas, sendo que temos 02 aldeias maiores, uma está na TI Apiaká-Kayabi, na aldeia Mayrob e a outra está localizada na TI Pontal Isolado, aldeia Mayrowi no município de Colíder-MT, onde moram 23 famílias, com cerca de 157 pessoas.

Na classificação linguística, como citei anteriormente, somos pertencentes ao tronco Tupi, mas por causa de um longo processo histórico, hoje em dia, ainda buscamos retomar nossa língua materna. Entendemos algumas palavras, porém, não a usamos no dia-a-dia, ou seja, não realizamos diálogos na língua ancestral, pois a língua que usamos é o português.

O ponto forte de nosso povo é que ainda praticamos nossos costumes tradicionais: pesca e caça; preparação das comidas típicas tradicionais, como macaco no leite da castanha, tracajá (um das comidas tradicionais do povo); mugica de peixe; porco do mato; Também somos consumidores tradicionais das frutas nativas, como a castanha do Brasil, que se torna uma comida tradicional, principalmente, em festas comemorativas culturais, como a comemoração da festa do tracajá, a comemoração do dia pescaria com timbó. Meu povo Apiaká também ainda pratica a medicina tradicional do povo, usando plantas da região para curar doenças. Somos tradicionais na produção de pinturas corporais e na confecção de artesanatos, usados em dias de festas tradicionais e, também, para venda a visitantes, que se torna também uma fonte de renda e subsistência.

## **A aldeia Mayrob**

A aldeia Mayrob está localizada a 60 km da sede do município de Juara MT, na margem direita do Rio dos Peixes, na Terra Indígena Apiaká-Kayabi. Para quem sai da cidade de Juara, sentido Águas Claras, por terra, para chegar até a aldeia Apiaká, é preciso entrar dentro do Território Indígena, passar pela aldeia Tatuí e atravessar o Rio dos Peixes, só aí que se chega até a aldeia Mayrob. A aldeia tem um total de 354 pessoas entre crianças e adultos, com total de 54 famílias morando na comunidade. Atualmente, as famílias têm sua moradia de alvenaria e de tábua, seguindo o modelo de casa ocidental, mas sempre mantendo sua cultura e costume tradicional no seu modo de viver, ou seja, a vida ainda é em modo coletivo.

A aldeia Mayrob é movimentada por diversas atividades, sendo elas: a pesca, o extrativismo da castanha do Brasil, da caça, da roça, da colheita de frutos do mato para fazer o suco e da colheita do açaí. Essas atividades fazem parte da nossa cultura e ajudam as famílias no sustento. Na comunidade, a atividade cultural que temos é a confecção de artesanato do povo e grafismo corporal do nosso povo. Ela conta com diversos serviços públicos básicos, como a oferta da educação e saúde pública através da Escola Estadual Indígena Leonardo Krixí Apiaká e do Posto de Saúde.

A organização do povo Apiaká respeita e é de acordo com a organização interna e social da comunidade. Neste sentido, tem um Cacique, que tem autonomia de discutir e interferir na decisão que vem sendo tomada pelos setores e órgãos públicos, como a SEDUC, a Secretaria de Saúde e mesmo a Prefeitura ou alguma organização privada, quando agem sem interesse da comunidade. Não é apenas o Cacique, mas as lideranças da comunidade que se reúnem para tomar as decisões que vão beneficiar a aldeia. Também tem a participação da Associação que ajuda a comunidade a ter projetos importantes para os benefícios da comunidade. Toda essa organização vem sempre buscando manter a comunidade unida, visando melhoramento na saúde, na economia para a sobrevivência e na educação.

## **Escola na aldeia Mayrob**

A Escola Estadual Indígena Leonardo Crixí Apiaká fica dentro da nossa aldeia Mayrob. É uma escola bem organizada e conta com equipe de profissionais preparados para trabalhar com a educação escolar: professores, apoio TAE, técnicos, merendeiras e auxiliares na limpeza,

sendo todos do próprio povo. Está em nossa tradição não aceitar pessoas de outros povos para trabalhar com nossos alunos; isso é garantido no PPP escolar. Ela trabalha numa perspectiva diferenciada, privilegiando, nos ensinamentos, a relação das atividades culturais do povo com os saberes ocidentais. A escola oferta Ensino Fundamental e Médio; foi criada pelo Decreto de Lei 328 de 05 de junho de 2007 e tem como entidade mantenedora (e gestora oficial) a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.

A nossa comunidade escolar defende os princípios dos valores de uma boa convivência de trabalho entre os profissionais, existindo diálogos feitos pela liderança, pelo cacique, juntamente com o Conselho da escola e comunidade. Para ter bom desenvolvimento do trabalho, temos que saber respeitar e valorizar as regras de convivência dentro e fora da escola, para nos tornar um exemplo de profissional da comunidade e dos alunos.

A escola tem o nome de Leonardo Kixi, porque foi em homenagem à um dos professores que lecionou nessa unidade escolar e que ajudou na conquista para que a escola se tornasse do sistema estadual. Leonardo nasceu no dia 06 de junho de 1976 e faleceu em 29 de outubro de 2005, em decorrência de uma malária. Ele foi sepultado na aldeia e deixou 4 filhos, esposa, parentes e amigos (PPP, 2023).

Na comunidade Apiaká, no âmbito escolar, observamos um crescente desenvolvimento dos alunos na aprendizagem. Eles moram com suas famílias e residem na própria aldeia. Muitos adolescentes, após a formação de educação básica, procuram os centros urbanos para dar continuidade aos estudos.

A escola mantém um bom relacionamento com a comunidade, se inteirando das atividades realizadas pela escola, participando dos projetos e decisões administrativas e pedagógicas da escola. Exemplos de projetos e ações pedagógicas com participações da comunidade são os trabalhos coletivos e culturais: roçada, coivara, o plantio, a coleta de frutas, extração de castanhas, a pesca do timbó, comemorações culturais como o dia dos povos indígenas, festa do tracajá, limpeza da roça, limpeza do pátio da aldeia, reunião comunitária dentro e fora da aldeia, festas do dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, natal, ano novo, entre outras.

Há também uma parceria com a UNEMAT (campus de Juara) que já desenvolveu o projeto “Meio ambiente - Interculturalizando Talentos: Articulações entre linguagens, história etno cultural e educação ambiental em escolas indígenas do povo Apiaká”, coordenado pela professora doutora Waldinéia Antunes Alcântara Ferreira, projeto esse que fazia parte do



programa “Novos Talentos”, financiado pela CAPES, por sua vez, coordenado pela professora doutora Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, uma das autoras desse artigo. Também está em desenvolvimento o projeto “Saberes Indígenas na Escola”; coordenado pela professora Beleni Salete Grando da UFMT, além do projeto: “Olimpíadas Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas”, que envolve os professores e a comunidade em geral. Desse projeto das Olimpíadas, temos alguns alunos que são bolsistas de Iniciação Científica Júnior, cujas bolsas são pagas pelo CNPq.

### **Legislação que dá direito ao específico e diferenciado**

No Brasil, a própria Constituição Federal do Brasil, do ano de 1988, assegura o direito de indígenas serem diferenciados nas suas expressões culturais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN, de 1996, dá direito ao processo de escolarização em escolas indígenas ter trabalhos específicos e diferenciados conforme a cultura do povo. É preciso lembrar que o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas-RCNEI (1998) esclarece diversos aspectos sobre a relação entre os saberes da cultura ocidental, que constam no sistema nacional de ensino (que também é direito de indígenas ter o acesso) e os saberes tradicionais das culturas indígenas.

A escola indígena é específica, ela é de cada comunidade, de cada povo, por isso mesmo o Projeto Político Pedagógico deve ser para cada povo de acordo com a realidade e costume da cultura de cada povo, tendo privilégio o contexto histórico da escola e da comunidade escolar no entendimento de ser diferente da colonização.

Como professor e educador estamos procurando manter nossa tradição cultural do povo Apiaká, sempre garantindo no PPP da escola e também no calendário escolar a inserção de práticas da nossa cultura tradicional. Todas as atividades culturais são desenvolvidas dentro e fora da escola, assim trabalhamos os saberes e costumes do povo. Mesmo trabalhando sobre nossa cultura, também tem na escola os conhecimentos universais.

### **Postura colonial e decolonial**

Uma escola influenciada pela postura colonizadora é uma instituição que segue um modelo educacional estabelecido pelos colonizadores, onde os conhecimentos, valores e

práticas culturais da metrópole são impostos à população local. Este tipo de escola tende a desvalorizar ou mesmo ignorar os saberes e culturas indígenas e locais, promovendo a assimilação cultural e a subordinação ao poder colonizador. O currículo é, muitas vezes, eurocêntrico, com pouca ou nenhuma representação das culturas dos povos colonizados.

Na prática, a vivência do contato direto com o povo dentro de uma escola colonizadora pode ser marcada por uma falta de representatividade e inclusão, onde os alunos de comunidades locais não veem suas identidades refletidas no conteúdo educacional. Este ambiente pode perpetuar desigualdades e reforçar estereótipos negativos sobre as culturas indígenas e locais.

Por outro lado, uma escola que adota uma postura decolonial busca desafiar e transformar essas práticas colonizadoras. A educação decolonial tem sido estudado por Monzilar e Pereira (2023), que apontam que este modelo, valoriza e incorpora os saberes, culturas e perspectivas dos povos locais e indígenas, promovendo um currículo mais inclusivo e representativo. Esta abordagem reconhece a importância da diversidade cultural e procura empoderar de alunos através do reconhecimento e valorização de suas próprias identidades e histórias.

Na prática, a vivência do contato direto com o povo em uma escola decolonial é muito mais participativa e inclusiva. Os educadores buscam construir um diálogo genuíno com as comunidades locais, integrando seus conhecimentos e práticas culturais ao processo educativo. Este ambiente promove a valorização da diversidade e o respeito mútuo, criando uma educação que não só informa, mas também transforma.

Conforme Abreu, Almeida e Pereira (2023), a decolonização na educação envolve formas diferentes de produzir pesquisa e conhecimento. Em vez de seguir apenas métodos e paradigmas estabelecidos pelas tradições acadêmicas ocidentais, um trabalho decolonial deve estar aberto para métodos alternativos que valorizam os saberes locais e indígenas, promovendo uma epistemologia que é inclusiva e sensível às realidades e necessidades das comunidades colonizadas.

### **Nosso relato de experiência na escola**

A experiência que vamos apresentar nesse texto é sobre a confecção de remo. Pensamos nessa atividade, porque ela é importante para o meu povo. E o texto que fizemos é a partir de

observações feitas nas famílias e por meio de entrevistas com as crianças e adultos da comunidade. Identificamos que a confecção de remos é uma prática cultural significativa para a comunidade e que poderia ser uma oportunidade rica de aprendizagem. Vamos lembrar que os Apiaká moram à margem direita do Rio dos Peixes e que, além do rio ofertar o peixe como alimento, usamos muito o rio para deslocamento.

A atividade foi planejada para trabalhar com todos os alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio da Escola Leonardo Crixí Apiaká. Reunimos os alunos para fazer uma fala de introdução sobre a importância cultural dos remos. Após a conversa inicial, fizemos entrevistas com os alunos, organizamos uma roda de conversa com todos os estudantes para repassar as informações obtidas. Durante a roda de conversa, observamos os interesses e conhecimentos prévios dos alunos sobre a confecção de remos. A atividade foi realizada durante o período de aula, permitindo uma integração natural com o currículo.

Depois de observar que os alunos estavam interessados, organizamos uma ida até aos anciãos. Aqui é a segunda parte do nosso trabalho, quando foi realizada uma demonstração prática conduzida pelos anciãos, que mostraram passo a passo o processo de confecção de remos.

Os alunos começaram a trabalhar em pequenos grupos, cada grupo assistindo por um membro da comunidade ou professor. O trabalho, na prática, iniciou no dia 15/04/2024, fazendo parte das atividades da Semana Cultural, a qual está planejada e garantida no calendário escolar com duração de 5 dias.

As primeiras orientações foram acerca da madeira utilizada como matéria-prima, sendo explicado, pelos anciãos, que a madeira mais indicada para a confecção do remo é a itaúba. Os anciãos, juntamente com os alunos, foram até um local na mata e escolheram os troncos de madeira itaúba. Com muito cuidado, usando machado e facão, fizeram o corte de troncos de 1 metro e 20 centímetros de comprimento para poder confeccionar o remo pequeno. Já, para fazer um remo grande, cortaram a madeira de 1 metro e 20 centímetros de comprimento e 30 centímetros de largura. Estando os troncos cortados, estes foram carregado até a margem do rio e colocados nos barcos. Retornaram para a aldeia, no pátio da escola onde descarregaram os troncos.

Cada aluno recebeu orientação dos anciãos sobre os procedimentos para lidar com a madeira, sendo chamado a atenção para a prevenção de acidentes com as ferramentas. Para irem

confeccionando seu próprio remo-*iwewa*, o ancião orientou sobre como pegar a madeira e ir fazendo os cortes com o machado do jeito que ia se formando o cabo e a pá do remo.

Assim, cada aluno, cuidadosamente foi cortando os troncos. A todo o momento os anciãos orientaram como usar o facão para ir desbastando a madeira até conseguir o formato do remo; o remo é feito de um só tronco, sendo montado o cabo e, abaixo, o formato da pá, tudo numa só peça.

Quando já estava com formato de remo, ainda na madeira bruta, foi se acertando o corte das madeiras até ficar muito parecido mesmo com o remo: cabo mais fino e a pá no formato largo. Depois, com uma lixa, a madeira foi sendo lixada para ficar bem lisinha e não ficar com pedacinhos de madeira para machucar as mãos quando forem usados.

Após a confecção, os alunos decoraram os remos com pinturas tradicionais e, finalmente, compartilhamos uma sessão de narração de histórias e significados dos símbolos utilizados.

Figura 1- Remos Apiaká



Fonte: Morimã, 2023

Tivemos a participação ativa da comunidade, incluindo líderes comunitários, anciãos da aldeia e professores. A presença dos anciãos foi especialmente valiosa, pois eles trouxeram conhecimentos tradicionais e histórias sobre a importância dos remos na cultura local. Esta

atividade proporcionou uma aprendizagem rica e multifacetada. Os alunos aprenderam sobre diversos temas:

**Técnicas de artesanato:** A confecção de remos envolveu habilidades práticas, como esculpir e pintar.

**Cultura e tradição:** A importância dos remos na cultura local e as histórias associadas a eles.

**Trabalho em equipe:** A colaboração entre os alunos e a comunidade.

**Valorização dos saberes locais:** O reconhecimento e respeito pelos conhecimentos dos anciãos e líderes comunitários

A realização deste trabalho na escola, junto com a comunidade e a participação dos anciãos foi extremamente produtiva. Percebemos que os alunos estavam engajados e entusiasmados com a realização da atividade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atividade de confecção de remos na Escola Leonardo Crixí Apiaká mostrou-se uma experiência rica e transformadora para todos os envolvidos. Ao integrar a cultura local ao currículo escolar, conseguimos proporcionar aos alunos um aprendizado significativo e relevante, que vai além das matérias convencionais. Este tipo de abordagem, não apenas enriquece o conhecimento dos estudantes, mas também, fortalece a identidade cultural e o vínculo com a comunidade, elementos essenciais para o desenvolvimento de cidadãos conscientes e comprometidos com suas raízes.

A participação ativa da comunidade, especialmente, dos anciãos, foi fundamental para o sucesso da atividade. A troca de saberes entre gerações proporcionou um ambiente de respeito e valorização dos conhecimentos tradicionais. Os alunos, por sua vez, mostraram-se curiosos e motivados, aprendendo, além das técnicas de artesanato, a importância histórica e cultural dos remos. Esta interação reforçou a ideia de que a escola pode e deve ser um espaço de integração e valorização das diversas formas de conhecimento (Ferreira, Zoia e Almeida, 2024).

Em suma, atividades como a confecção de remos demonstram a eficácia de uma educação decolonial, que se preocupa em reconhecer e incorporar as culturas e tradições locais ao processo educativo. Esta prática não apenas contribui para a preservação do patrimônio cultural, mas também, promove um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e democrático.

A experiência foi extremamente positiva e serve de sugestão para futuras iniciativas que busquem integrar o conhecimento acadêmico com os saberes tradicionais, fortalecendo a identidade cultural e promovendo uma educação mais justa e representativa.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Waldir Ferreira, de. ALMEIDA, Débora Renata Muniz. PEREIRA, Alexandre Adalberto. Premissas-força para se pensar a pesquisa decolonial em educação. **Interritório, Revista de Educação**. Dossiê Pesquisas decoloniais: sujeitos “outros”, práxis “outras”. Caruaru: BRASIL, V. 9, número 18, 2023. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interritorios/article/view/259001>

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 7. ed. Brasília: Senado Federal, 2023.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLETIVO APIAKÁ. **POVO APIAKÁ. Palavra Apiaká: Nhandé Nhe'eng**. Juara, 2009.

CRIXI, José Maria. **A cultura do povo Apiaká na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká**. Juara: FAED/UNEMAT, 2012.

FERREIRA, Waldineia Antunes de Alcântara; ZOIA, Alceu; ALMEIDA, Elizabeth Rezende. Produção de materiais pedagógicos (didáticos) em escolas indígenas: uma parceria entre universidades e aldeias. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 40, p. e402404, 2024. DOI: [10.30681/faed.v40i.12577](https://doi.org/10.30681/faed.v40i.12577). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/12577>. Acesso em: 16 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUARA. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká**. Juara: E.E.I.E Básica Leonardo Crixí Apiaká, 2023.

MONZILAR, Osvaldo Corezomaé; PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. Trajetória de um estudante do povo Balatiponé In **Revista Taka'a**, Barra do Bugres (MT), v. 1, e2023009, ISSN: 2965-6796, 2023

OPAN; CIMI. **Índios em Mato Grosso**. Cuiabá: Operação Anchieta-OPAN; Conselho indigenista Missionário – CIMI/MT, 1987.

Recebido em 01 de dezembro de 2024

Aprovado em 15 de dezembro de 2024

Publicado em 18 de dezembro de 2024

### **Licença de Uso**

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

